

## ARTIGO

# Abordagem Hermenêutico-Fenomenológica Complexa e intersubjetividade: por uma ciência da inteireza

*Complex Hermeneutic-Phenomenological Approach and Intersubjectivity: Toward a Science of Wholeness*

Marina Borges Muriana  

[mariburi@gmail.com](mailto:mariburi@gmail.com)

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.

Solange Lopes Vinagre Costa  

[ansocosta@uol.com.br](mailto:ansocosta@uol.com.br)

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.

## Resumo

Neste artigo, apresentamos um estudo sobre o potencial intersubjetivo da Abordagem Hermenêutico-Fenomenológica Complexa-AHFC (Freire, 2017) como sendo um caminho metodológico qualitativo capaz de reintroduzir o sujeito pesquisador em sua pesquisa, articulando-o ao objeto pesquisado. Ao apresentarmos duas pesquisas de doutorado que nela se fundamentaram, buscamos ilustrar sua operacionalização. Consideramos, para isso, que toda pesquisa, já em seu desenho, prospecta o horizonte que quer alcançar, o que é reconhecido pela AHFC como um aspecto inerente à pesquisa com seres humanos. A abordagem se constitui como um caminho metodológico que acolhe, intencionalmente, as imprevisibilidades e incertezas, evidenciando a necessidade de enfatizar-se a postura de responsabilidade de seus pesquisadores e possibilitando a construção de uma “ciência da inteireza” (Almeida, 2017, p. 160). Tal abordagem emerge como uma possibilidade metodológica para a pesquisa qualitativa contemporânea e que, diferentemente da busca pela eliminação da subjetividade da pesquisa positivista, potencialmente reintegra a pesquisa e seu sujeito pesquisador, por meio da descrição e interpretação da experiência humana investigada, a fim de compreender sua essência.

**Palavras-chave:** Abordagem Hermenêutico-Fenomenológica Complexa; Complexidade; Metodologia de Pesquisa; Pesquisa Qualitativa; Linguística Aplicada.

## Abstract

*In this article, we present a study on the intersubjective potential of the Complex Hermeneutic-Phenomenological Approach (CHPA) (Freire, 2017) as a qualitative methodological pathway capable of reintroducing the researcher as a subject*

The E specialist



10.23925/2318-7115.2025v46i2e73974



## FLUXO DA SUBMISSÃO:

Submissão do trabalho: 09/11/2025

Aprovação do trabalho: 24/11/2025

Publicação do trabalho: 17/12/2025

## AVALIADO POR:

Vanessa Ribas Fialho (UFSM)

Tatiane Molini Barros (PUC-SP)

## EDITADO POR:

Luciana Kool Modesto-Sarra (PUC-SP)

## COMO CITAR:

MURIANA, Marina Borges; COSTA, Solange Lopes Vinagre. Abordagem Hermenêutico-Fenomenológica Complexa e intersubjetividade: por uma ciência da inteireza. *The Especialist*, [S. I.], v. 46, n. 2, p. 195–209, 2025. DOI: 10.23925/2318-7115.2025v46i2e73974.

Distribuído sob Licença Creative Commons



within the research process, thereby articulating the researcher and the object of inquiry. By presenting two studies that employed this approach, we seek to illustrate its methodological operationalization. We consider that every research project, from its very design, already anticipates the horizon it aims to reach; an aspect recognized by the CHPA as inherent to research involving human beings. The approach is configured as a methodological path that intentionally embraces unpredictability and uncertainty, emphasizing the researcher's ethical responsibility, constructing "science of wholeness" (Almeida, 2017, p. 160). This approach thus emerges as a methodological alternative for contemporary qualitative research which, unlike the positivist attempt to eliminate subjectivity, seeks to reintegrate the research process and the researcher through the description and interpretation of the investigated human experience, to apprehend its essence.

**Keywords:** Complex Hermeneutic-Phenomenological Approach; Complexity; Research Methodology; Qualitative Research; Applied Linguistics.

## 1. Introdução

Um mundo que enfrenta uma crise humana, ou “deficiências no ensino do viver” (Morin, 2015, p.68), carece de transformações que acolham o mutável, as incertezas e as emergências, que fomentem a compreensão de que “diante do aleatório, do acaso e do incerto, aquilo que é rigidamente pré-programado já não serve” (Moraes, 2021, p. 191). Os desafios cada vez mais complexos e inter-relacionados, que incluem os reflexos de uma sociedade em rede, exigem transformações epistemológicas que perpassam desde a vida cotidiana de cada indivíduo até a construção do conhecimento científico, tema que motivou a escrita deste artigo.

Em se tratando de pesquisas qualitativas em Linguística Aplicada, área transdisciplinar que “levanta problemas, vê unidade na diversidade e coexiste em um estado de interação dinâmica” (Celani, 2017, p.10) e que busca “compreender as práticas sociais nas quais a linguagem tem papel crucial” (Moita Lopes, 2006, p.102), a escolha por uma abordagem metodológica de pesquisa condizente com tais demandas se faz essencial. Na pesquisa qualitativa, encontramos na Abordagem Hermenêutico-Fenomenológica Complexa - AHFC (Freire, 2017) uma alternativa consistente para lidar com a mutabilidade, o dinamismo e as incertezas tanto do mundo quanto do fazer científico.

O estudo qualitativo e a reflexão sobre uma experiência vivida permitem a expansão dessa experiência no campo gnosiológico. Para Josgrilberg (2015, p. 342), a compreensão do fenômeno vivido “inclui a amplitude da experiência cultural e histórica [...] e permite a expressão através da linguagem”. A subjetividade do pesquisador, portanto, está presente na interpretação de uma

experiência vivida, que será refletida também em escolhas lexicais do pesquisador. É por meio desse movimento interpretativo, constituído pela busca da compreensão de determinado fenômeno, que se constrói uma parte do todo do conhecimento sobre o mundo em que vivemos.

A pesquisa da experiência humana, articulada à experiência pessoal do pesquisador, compõe uma perspectiva que traz, em sua essência, a impossibilidade de replicação, e que pode ratificar a “pesquisa empírica, validando as qualidades dela emergentes” (Freire, 2012, p. 181). O reconhecimento da subjetividade como sendo inerente à pesquisa permite que as interpretações sob a orientação da Abordagem Hermenêutico-Fenomenológica Complexa enfatizem tanto as limitações trazidas pela pesquisa científica, quanto a grandeza de um olhar interpretativo circular, e “conservar a circularidade significa talvez, de uma vez por todas, abrir a possibilidade de um conhecimento que reflita a si mesmo” (Morin, 2016, p. 32). Esse olhar é também subjetivo e objetivo ao mesmo tempo, e tem o potencial de expandir-se intersubjetivamente.

Reconhecer que a (inter)subjetividade é inerente à pesquisa sobre seres humanos é estar aberto a uma concepção de ciência que não despreza o erro, mas o entende como sendo parte da essência humana, e que aceita a inseparabilidade da pesquisa e do sujeito pesquisador. Para Moraes (2008, p. 103), é impossível separar o pesquisador de seu objeto de pesquisa, uma vez que ambos estão co-implicados informacionalmente. Para Almeida (2017, p. 159),

Uma ciência sem sujeito é o mesmo que um livro sem autor, uma casa sem alicerce, um crepúsculo sem sol, um discípulo sem mestre, um corpo sem alma [...]. Uma ciência sem subjetividade só faz sentido no interior de um paradigma da racionalização patológica que, diga-se com todas as letras, está longe de enobrecer o uso da razão.

Optar pela Abordagem Hermenêutico-Fenomenológica Complexa-AHFC como sendo a abordagem metodológica norteadora de uma pesquisa de cunho qualitativo é um movimento de distanciamento da “racionalização patológica” apontada por Almeida, se consolidando como um caminho que não pressupõe resultados ou generalizações, mas descobertas ou emergências ao considerar que “o pesquisador é parte do todo que ele pretende explicar” (Moraes, 2008, p. 103). Além disso, a AHFC tem o potencial de trazer fluidez para demarcações disciplinares (Freire, 2012), o que a faz encontrar, na Linguística Aplicada, espaço condizente com sua natureza transdisciplinar, destacando-se como “um fio condutor e até mesmo uma filosofia epistemológica, a filosofia da descoberta” (Celani, 1998, p. 117, grifo da autora).

A AHFC pode trazer transformações de perspectiva, encontrando em suas três linhas interpretativas, a hermenêutica, a fenomenologia e a complexidade segundo Edgar Morin, uma “teia epistemológica” tecida pelas emergências dos fenômenos da experiência humana, na interação com o pesquisador que as observa e interpreta (Muriana, 2023, p. 44). Compreender que “o sentido de uma coisa percebida não está isolado da constelação em que aparece” (Merleau-Ponty, 1968, p. 12 *apud* Josgrilberg, 2015, p. 342) é um movimento de reintegração do sujeito à sua pesquisa em busca de um retorno à relação sistêmica entre parte e todo, enfraquecida pela visão cartesiana e positivista da pesquisa no paradigma tradicional.

É por meio dessa lente interpretativa complexa e transdisciplinar que se encontra a transcendência filosófica sobre a experiência humana que nós, pesquisadores da AHFC, nos propomos a investigar. Apresentamos, a seguir, uma pesquisa documental sobre a Abordagem Hermenêutico-Fenomenológica Complexa, o potencial intersubjetivo dos fios que a compõem e algumas emergências de duas pesquisas de doutorado que exemplificam a AHFC em ação.

## **2. O potencial intersubjetivo da AHFC, uma ciência com sujeito**

O objetivo desta seção é demonstrar de que forma a intersubjetividade se manifesta como um aspecto constituinte da abordagem metodológica aqui apresentada, se fazendo presente na relação entre sujeito pesquisador e sujeito pesquisado e/ou sujeito pesquisador e objeto pesquisado, por meio do texto escrito e que é interpretado com o auxílio de suas correntes filosóficas. Para isso, apresentaremos de que forma a intersubjetividade permeia as partes constituintes da abordagem, hermenêutica, fenomenologia e complexidade, e o todo, a AHFC (Freire, 2017), a fim de revelar as emergências, que são fruto do que os sujeitos pesquisados revelaram em forma de texto, articuladas à subjetividade do pesquisador.

O caminho de construção metodológica da AHFC perpassou pela compreensão de que “a interação com e a reflexão sobre as experiências vividas constituíram a maior fonte de esclarecimento que poderia também ser explorada como uma abordagem” (Freire, 1998, p. 27, grifos nossos). Destaca-se, nesse processo, a relevância e a influência dos fenômenos empíricos na construção de uma pesquisa, e não o contrário, um reconhecimento de que a vida extravasa a ciência (Muriana, 2023, p. 43). A interpretação, nessa perspectiva, pode ser entendida como um processo complexo que perpassa, simultaneamente, os mundos do texto e de seu autor, bem

como o de quem o está interpretando. As emergências do fenômeno advêm da fusão desses mundos, configuração em que se dá a incompletude interpretativa.

As linhas filosóficas que constituem a AHFC contribuem equilibradamente com sua inerente intersubjetividade. Ao tratar da fenomenologia, Merleau-Ponty (1994, p. 4) destaca, no processo científico interpretativo, a busca de se retornar às coisas mesmas, evidenciando que a ciência possui uma natureza “abstrata, significativa e dependente, como a geografia em relação à paisagem”. A intersubjetividade, dessa forma, se constitui também de uma relação com o entorno dos sujeitos que interpretam o fenômeno de maneira situada, contextualizada e única.

Em relação ao suporte filosófico contido na hermenêutica, sobretudo na gadameriana, entende-se que “todo compreender se origina de uma expectativa que parte de sentidos prévios (...) a um conjunto mais amplo de sua significação”, e para a compreensão do fenômeno, “contamos preliminarmente com um preconceito do que se apresenta, para só assim nos anteciparmos a uma significação global do a-ser-compreendido” (Kahlmeyer-Mertens, 2017, p. 105). O reconhecimento de que o pesquisador já prospecta seu universo no desenrolar de sua pesquisa, em busca de um certo controle sobre seus resultados, é acolhido pela AHFC como sendo um movimento de antecipação natural do sujeito pesquisador inerente à sua humanidade. Busca-se, por isso, uma atitude vigilante e aberta às imprevisibilidades e incertezas da pesquisa, sem, contudo, ignorar que haverá troca intersubjetiva entre pesquisador, participante e a pesquisa em si. Esse movimento contribui com uma “ciência da inteireza” (Almeida, 2017) que não despreza os aspectos mais humanos da pesquisa.

As duas correntes filosóficas já apresentadas contribuem igualmente para a relação todo-e-partes contida na abordagem, que busca uma compreensão do fenômeno “acessível à memória individual e coletiva” (Freire, 2012, p. 186), que é alcançada por meio do texto escrito, que preserva o discurso, sendo um recurso que permite ao pesquisador entrar no fenômeno e dele se distanciar, simultânea e retroativamente, movimentos complexos e indissociáveis da abordagem. Pesquisadores da AHFC tornam-se, retroativa, dialógica e hologramaticamente, parte e todo da essência do fenômeno.

O reconhecimento da existência dos fios complexos da AHFC, ao longo de sua tessitura, revelam que, além de sua própria subjetividade, no pesquisador também ecoam as vozes do momento sócio-histórico em que ele está inserido, pois “todo saber, mesmo o mais físico, submete-se a uma determinação sociológica” (Morin, 2016, p. 23), e a interpretação do fenômeno

pesquisado é, para o pesquisador, “ aquela que lhe foi possível naquele momento sócio-histórico-pessoal, considerando o seu referencial teórico e experiencial” (Freire, 2012, p. 196). Ao compreender que sua pesquisa parte também de si mesmo, o pesquisador precisa deliberadamente adotar um alto teor de responsabilidade, uma postura de autoavaliação e um estado de lucidez constantes sobre o quanto sua vivência pessoal pode interferir no que os textos que está interpretando contêm (Freire, 2012). Nesse “mergulho interpretativo” (Freire, 2010, p. 24) é essencial perseguir uma atitude equilibrada entre o distanciamento e a aproximação dos textos e das emergências da pesquisa.

Ainda, “a pesquisa complexa é, ao mesmo tempo, pesquisa e *autopesquisa*, pois permite que se reconheça que em toda objetividade há subjetividade e vice-versa” (Muriana, 2018, p. 132, grifo da autora). Esse é um reconhecimento pertinente da presença do pesquisador e da subjetividade que ele compartilha com o objeto de pesquisa, corroborando a exigência de uma postura responsável por parte do pesquisador. Para Morin (2016, p. 23), “os maiores progressos das ciências contemporâneas são obtidos quando o observador é reintegrado à observação”, o que confere à AHFC potencial de contribuição profunda às ciências contemporâneas, a medida em que reconhece, acolhe e evidencia que as emergências da pesquisa não ocorrem alheias ao pesquisador, que, da mesma forma, não está alheio às emergências da pesquisa. “Uma atitude como essa é logicamente necessária, pois todo conceito remete não apenas ao objeto concebido, mas ao sujeito que o concebe” (Morin, 2016, p. 23), tornando a interpretação do fenômeno observado única, irreplicável e, reconhecidamente, um recorte da experiência vivida.

A intersubjetividade da AHFC ocorre abstratamente de diversas formas, e se materializa na escolha semântica do tema que “é uno na materialização de sua nomeação, mas múltiplo em sua significação” (Freire, 2017, p. 179). Durante a interpretação de determinado fenômeno, muitas vezes, pode haver mais de um substantivo, um tema revelador de sua essência, mas o pesquisador, subjetivamente, opta por um deles. Nele reside a conotação escolhida pelo sujeito pesquisador e uma “significação global” (Kahlmeyer-Mertens, 2017, p. 105), que expressa os significados partilhados pelo participante da pesquisa, articulados aos construídos pelo pesquisador durante o percurso de interpretação (Muriana, 2023, p. 48).

Ao reintroduzir o sujeito na pesquisa buscando uma metodologia da essência, a AHFC proporciona o horizonte para “uma ciência da inteireza, uma humana ciência” em que se expõe “por meio das palavras, o coração” (Almeida, 2017, p. 160).

A seguir, buscamos apresentar como a intersubjetividade proporcionada pela AHFC se materializou em duas pesquisas de doutorado que se fundamentaram na abordagem.

### 3. A AHFC em ação

Na pesquisa científica positivista, o distanciamento entre o pesquisador, o objeto pesquisado e os sujeitos participantes da pesquisa é entendido como sendo inerente ao processo investigativo. Tal perspectiva pode ser questionada, uma vez que autores, sobretudo da linguagem, como Rajagopalan (2006, p.159) passam a reconhecer a existência da influência do sujeito pesquisador em seu objeto pesquisado. Almeida (2017, p. 160), por sua vez, destaca que ao reintegrar o sujeito pesquisador em sua pesquisa, “repõem-se os alimentos do afeto, a insubordinação ao estabelecido, as dores e as alegrias que, juntos, compõem as cores de uma ciência com sujeito”. Dewey (1952, p. 13), ainda, reconhece que há uma “conexão orgânica entre educação e experiência pessoal” e, uma vez que a pesquisa compõe o processo educativo do pesquisador, é possível que haja também uma conexão orgânica, intersubjetiva, entre a investigação sobre a experiência humana e a experiência pessoal do sujeito pesquisador. A investigação é, em certa medida, motivada por seus desejos pessoais, o que reforça as inter-relações subjetivas estabelecidas entre as partes e o todo da pesquisa.

Pesquisar na AHFC é vivenciar o desafio “de não contar com muita literatura na área” (Freire, 2017, p. 177), o que pode despertar no pesquisador uma atitude constantemente provocativa em relação à ciência e fomentar a compreensão de que a pesquisa é um processo recursivo, em que as partes constantemente retroagem sobre o todo. Essa retroação pode ser percebida em cada pesquisa que opta pela abordagem, que acaba por ser também sobre a abordagem, tornando-se, em certa medida, uma *metapesquisa*, que permite que seus pesquisadores sejam coparticipantes da literatura a seu respeito (Muriana, 2023, p. 43). Esse movimento de retroalimentação teórica constante da AHFC parece enfatizar seu caráter vivo, intersubjetivo e pode lhe permitir “transcender, em alguma medida” parâmetros metodológicos de outros tipos de pesquisa (Freire, 2017, p. 176).

Considerando tal contexto, a AHFC nos parece ser uma alternativa pertinente à pesquisa qualitativa, visto que reconhece a subjetividade nas pesquisas científicas, e admite a intersubjetividade entre pesquisador e sujeitos participantes, entre pesquisador e objeto da pesquisa e entre pesquisador, sujeitos participantes e objeto, enfatizando que a subjetividade do pesquisador sempre estará articulada às emergências da pesquisa. Uma abordagem metodológica complexa como a AHFC pressupõe, ainda, alto teor de sensibilidade, cuidado, ponderação, tática e flexibilidade frente às imprevisibilidades que nem sempre são identificadas no início de uma investigação (Almeida, 2017, p. 34). Ela permite que o fazer científico se desdobre, fugindo ao controle do pesquisador e dando espaço para que o aleatório emerja, expandindo a compreensão sobre o fenômeno pesquisado e permitindo, ao mesmo tempo, que o pesquisador contribua com a literatura sobre a própria abordagem.

As pesquisas fundamentadas na AHFC visam investigar, descrever e interpretar fenômenos da experiência humana a fim de procurar compreender sua essência (Freire, 2012, p. 194). Esse percurso se operacionaliza por meio da linguagem na interpretação dos textos gerados em resposta aos instrumentos da pesquisa, de forma escrita pelos sujeitos participantes ou transcritos pelo pesquisador, a fim de descrever a experiência vivida e compreender o fenômeno investigado. As emergências de tal investigação são expressas “por meio da identificação dos temas hermenêutico-fenomenológicos [complexos] que os caracterizam e lhes dão identidade” (Freire, 2012, p. 194). Temas e subtemas são as menores unidades de significado que ilustram a essência do fenômeno e revelam sua identidade. A autora da abordagem (Freire, 2017, p.178-179) explica que tal representação ocorre por meio de substantivos devido a seu caráter nomeador, uno e múltiplo, alcançados ao longo do processo interpretativo, que se dá por meio de três rotinas, denominadas *textualização, tematização e ciclo de validação*.

*Textualização* é, segundo Freire (2010, p. 21) “o registro escrito de manifestações de um fenômeno da experiência humana”, enquanto *tematização* refere-se ao processo de interpretação e reinterpretação dos textos produzidos pelos participantes até se chegar aos temas hermenêuticos-fenomenológicos complexos. Complexos porque tal interpretação olha para as partes e para o todo em um processo ao mesmo tempo recursivo e hologramático, de refinamento e ressignificação das unidades de significado iniciais, que são confirmadas ou

descartadas (Freire, 2012, p. 192), em um movimento de idas e vindas que a autora (Freire, 2017, p. 177) denomina *ciclo de validação*.

A textualização requerida pela AHFC, ao permitir que o pesquisador retorne inúmeras vezes às experiências vividas (Freire, 2010, p. 21), pode proporcionar um movimento interpretativo que potencializa a troca intersubjetiva entre pesquisador, sujeito pesquisado e objeto de estudo. Esse movimento retroativo faz com que a reflexão sobre as emergências do fenômeno alcance inúmeras interpretações e reinterpretações, atuando no nível noológico e configurando-se como “um pensamento de si apto a retroagir sobre si” sendo, simultaneamente, subjetivo e objetivante, ao mesmo tempo em que “permite à consciência tratar-se objetivamente” (Morin, 2015, p. 210).

A interpretação hermenêutico-fenomenológica complexa confere a pesquisadores diferentes a capacidade de destacar, entre si, essências comuns, visto que o caráter de objetividade da abordagem, potencialmente, os auxilia a retornar “às coisas mesmas”, sendo o mundo “aquilo mesmo que nós nos representamos [...] enquanto participamos do Uno sem dividi-lo” (Merleau-Ponty, 1994, p. 7-8). É amparado pelo texto escrito que o pesquisador busca, objetivamente, “compreender só o que a linguagem possibilita” (Kahlmeyer-Mertens, 2017, p. 133, grifos do autor). Compartilhamos do uno, e ao não o dividir, alcançamos seu potencial intersubjetivo.

Uma vez que, “compreender é compreender-se diante do texto, recebendo dele um “si mais amplo” (Ricoeur, 2013, p. 68), a objetividade do texto é compartilhada por seus leitores que participam, simultaneamente da perspectiva da parte, com interpretações individuais, e do todo, com uma perspectiva comum. Em outras palavras, a objetividade que compartilhamos como pesquisadores, dialógica e retroativamente, também constitui nossa (inter)subjetividade.

Esse movimento interpretativo, muitas vezes, é ilustrado pelos pesquisadores da abordagem por meio de metáforas textuais ou visuais, que os ajudam a compartilhar os significados descobertos. A metáfora pode emergir tanto durante a geração dos textos, quanto do processo interpretativo ou da escrita científica, e representar as partes ou o todo da pesquisa. Ela é uma escolha subjetiva do pesquisador que reflete a subjetividade inerente ao fenômeno em foco, fruto de uma experiência de vida.

Apresentamos, a seguir, exemplos de metáforas que emergiram da interpretação de dois fenômenos distintos, ambos pertencentes à Linguística Aplicada na área de desenvolvimento de professores, e frutos de duas pesquisas de doutorado fundamentadas na abordagem.

A primeira imagem ilustra a investigação, descrição e interpretação do fenômeno vivência em curso remoto de prática de língua inglesa e reflexão teórica para professores de inglês, desenvolvido com base na complexidade e na transdisciplinaridade, pela perspectiva dos participantes (Costa, 2023). A imagem a seguir representa os temas, com inicial maiúscula, e os subtemas, que ajudam a explicar os temas, acompanhados de asteriscos, que emergiram da interpretação dos textos:

**Figura 1:** Temas e subtemas que emergiram da investigação do fenômeno.



**Fonte:** Costa (2023) a partir da imagem do yin e yang.

A escolha da figura do yin e yang se deu devido ao destaque, na perspectiva da pesquisadora, das relações dialógicas entre as emergências diante da pesquisa. Um exemplo marcante desta escolha se destaca com o tema *Diversão*, para a qual a interpretação evidenciou que a subjetividade entre participante, objeto e pesquisadora, pode ser compartilhada por meio da própria palavra, conforme o excerto “Gostei muito. Foi um curso divertido e muito interessante” (Costa, 2023). A subjetividade compartilhada, ou seja, intersubjetiva da palavra “divertido” originou o tema referente ao seu substantivo “diversão”. Já o tema *Autoanálise-Autocrítica* e seu subtema *proficiência*, por exemplo, exibem, ao serem ressignificados a partir do excerto “Percebi que meu inglês está bem pior do que imaginava; me pego pensando muito na hora de formular as respostas” (Costa, 2023) um teor diferente de subjetividade, que contou com

a ressignificação por parte da pesquisadora durante o processo interpretativo. Sobre essa escolha, a pesquisadora relata optar pelos substantivos hifenizados por compartilhar da visão de Edgar Morin (2011, p.95) de que o emprego da autocritica depende do emprego da autoanálise, ou ainda, que a “autoanálise só pode acontecer por meio de um olhar capaz de autocritica” (Costa, 2023, p. 107).

A segunda imagem, a seguir, ilustra a investigação, descrição e interpretação do fenômeno vivência em um curso online de elaboração de recursos educacionais abertos para o ensino de inglês, desenhado sob uma epistemologia complexa e transdisciplinar, na perspectiva das participantes:

**Figura 2:** Representação dos temas e subtemas



**Fonte:** Muriana (2023, p. 123).

A metáfora do tempo, representada pela figura das ampulhetas invertidas para enfatizar seu movimento, se deu devido à marcante coexistência do tempo em duas realidades, simultaneamente, nos ambientes digital e presencial, na percepção da pesquisadora. Subjetivamente ela emergiu e fez parte da escolha da pesquisadora de reforçar que o tempo online não é o mesmo que o do mundo físico. O tempo, ainda, se revelou, advindo da subjetividade compartilhada entre as participantes da pesquisa e a pesquisadora por meio da própria palavra no excerto “Não consegui participar de todas [as vivências] pela falta de tempo”, do qual emerge a FALTA e tempo, como tema e seu subtema.

Os exemplos apresentados nessa seção materializam o movimento interpretativo constante da pesquisa na AHFC, por meio do qual é possível “reavivar fenômenos vividos, buscando materializá-los por meio do texto, do registro, que pode eternizar-se em memória e que ajuda a perfazer o conhecimento científico” (Muriana, 2023, p. 48). É assim que a AHFC vai se constituindo como uma ciência com sujeito, capaz de reintegrar o que foi separado pelo paradigma tradicional.

Compreendendo a abertura e o inacabamento inerente à pesquisa científica, apresentamos, a seguir, as considerações finais, por enquanto.

### **Considerações finais**

Nesse artigo, buscamos enfatizar o potencial intersubjetivo da AHFC, por meio da busca de um equilíbrio hermenêutico-fenomenológico, que visa, tecido por fios complexos, a uma metodologia da essência. Destacamos, ainda, o potencial atitudinal da abordagem capaz de despertar uma postura de humildade por parte do pesquisador, consonante com ideais de Paulo Freire, ao considerar essencial que os educadores estejam “permanentemente disponíveis[is] a repensar o pensado, rever-se em suas posições” (Freire, P. 2001, p. 259). Uma vez que as certezas são questionadas e que há espaço para o erro e para o aleatório, um horizonte diferente se abre para o pesquisador, que pode continuamente repensar a ciência e a pesquisa.

Na pesquisa em AHFC, “ao mesmo tempo em que se faz ciência, subverte-se o fazer científico, dando luz ao caráter complexo da imprevisibilidade, uma vez que o fenômeno estudado não é completamente escolhido pelo pesquisador” (Muriana, 2023, p. 48). Esse aspecto confere à

abordagem uma pertinência contemporânea que se destaca pelo seu potencial de articulação com um mundo marcado pela imprevisibilidade, pela fluidez e pela mutabilidade, exacerbadas pela existência em rede, hiperconectada. Nesse cenário, é imprescindível “inaugurar outros horizontes do conhecimento, horizontes menos ossificados, mais flexíveis, complexos” (Almeida, 2017, p. 79).

Reconhecer que o fenômeno muda ao longo da pesquisa é permitir que o fazer científico abarque a natureza humana em sua essência, orientando o pesquisador a renunciar ao ímpeto de controlar o mundo, proporcionando um retorno a si mesmo e uma postura de desapego, na busca do significado de uma experiência de vida que “se constitui no ponto de partida e no destino final de uma investigação” (Freire, 2012, p. 183). Seu potencial atitudinal confere a AHFC um aspecto transgressor, pertinente e necessário, sobretudo para as ciências humanas, constituindo-se como um caminho para a *ciência da inteireza*.

### **Informações complementares:**

#### **a) Declaração de contribuição das autoras e dos autores:**

Ambas as autoras pesquisam a complexidade segundo Edgar Morin e a Abordagem Hermenêutico-Fenomenológica Complexa e contribuíram igualmente para a redação do manuscrito. A ideia de refletir sobre a intersubjetividade na Abordagem Hermenêutico-Fenomenológica Complexa partiu de Marina Muriana, e o artigo traz reflexões de Marina Muriana e Solange Costa, bem como resultados da pesquisa de doutorado das autoras. Ambas contribuíram com todas as seções, seja por meio de revisão, de redação de alguns excertos ou de seções inteiras.

#### **b) Disponibilidade de dados de pesquisa e outros materiais:**

Não há dados públicos na pesquisa.

#### **c) Declaração de conflito de interesse:**

Declaramos não haver conflitos de interesse.

#### **d) Avaliação por pares:**

- ✓ **Avaliador 1:** Vanessa Fialho (correções obrigatórias)

O artigo apresenta uma discussão pertinente sobre o potencial intersubjetivo da Abordagem Hermenêutico-Fenomenológica Complexa (AHFC), articulando hermenêutica, fenomenologia e complexidade em consonância com a obra de Maximina Maria Freire e com o escopo do dossiê. O texto demonstra domínio teórico e articulação com pesquisas recentes. Entretanto, recomenda-se ajustar alguns aspectos formais: (1) inserir títulos nas imagens, conforme template da revista; (2) revisar todas as citações em conformidade com a ABNT 2023, adotando inicial minúscula nos parênteses (por exemplo, substituir (MORIN, 2015) por (Morin, 2015)); (3) revisar todas as referências, garantindo aderência aos padrões atualizados da ABNT; e (4) explicitar, na introdução, que o estudo adota análise documental das

duas pesquisas apresentadas, delimitando metodologicamente o escopo. Com esses ajustes mínimos, o artigo apresenta qualidade suficiente para publicação.

✓ **Avaliador 2:** Tatiane Molini Barros (correções obrigatórias)

O artigo propõe uma discussão robusta e oportuna sobre a Abordagem Hermenêutico-Fenomenológica Complexa (AHFC) e a sua articulação com o conceito de intersubjetividade, buscando fundamentar uma "ciência da inteireza". O texto apresenta uma tessitura interessante e uma discussão que é contemporânea e pertinente para a área da Linguística Aplicada, Educação, Complexidade e Transdisciplinaridade. O trabalho contribui para o enriquecimento da literatura ao aprofundar os construtos da AHFC, apresentando, inclusive, exemplos atuais de pesquisa que ilustram sua aplicabilidade. O texto está em conformidade com as normas da revista e utiliza referências bibliográficas pertinentes e atuais. O mérito científico do artigo é evidente justificando a sua publicação. Contudo, são necessários ajustes formais para garantir o rigor editorial (padronização das referências)..

## Referências

- ALMEIDA, Maria da Conceição de. **Complexidade, saberes científicos, saberes da tradição.** 2.ed. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2017.
- CELANI, Maria Antonieta Alba. Transdisciplinaridade na linguística aplicada no Brasil. **Lingüística aplicada e transdisciplinaridade.** Campinas: Mercado de Letras, p. 129-142, 1998.
- CELANI, Maria Antonieta Alba. Linguística Aplicada e Transdisciplinaridade. In: FREIRE, M. M.; BRAUER, K. C. N.; AGUILAR, G. (org.). **Vias para pesquisa: reflexões e mediAÇÕES.** São Paulo: Cruzeiro do Sul Educacional, 2017, p. 9-13.
- COSTA, S.L.V. *Practice and Reflection*: curso remoto para professores de inglês com base na complexidade e transdisciplinaridade. **Tese.** Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2023.
- DEWEY, John. **Experiência e Educação.** São Paulo, Companhia Editora Nacional. Trad. Anísio Teixeira, 15.ed, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1952.
- FREIRE, M. M. Computer-mediated communication in the business territory: a joint expedition through e-mail messages and reflections upon job activities. **Tese.** Departamento de Filosofia e Curriculum, Ensino e Aprendizagem. Ontário, Instituto de Estudos em Educação da Universidade de Toronto, Canadá, 1998.
- FREIRE, Maximina Maria. A abordagem hermenêutico-fenomenológica como orientação de pesquisa. A pesquisa qualitativa sob múltiplos olhares: estabelecendo interlocuções em Linguística Aplicada. Publicação do **GPeAHF**, Grupo de Pesquisa sobre a Abordagem Hermenêutico-Fenomenológica: São Paulo, 2010.
- FREIRE, Maximina Maria. Da aparência à essência: a abordagem hermenêutico- fenomenológica como orientação qualitativa de pesquisa. In: ROJAS, J.; MELLO, S.L. (orgs.). **Educação, pesquisa e prática docente em diferentes contextos.** Campo Grande: Life Editora, 2012.

FREIRE, Maximina Maria. Uma abordagem metodológica e uma teoria do conhecimento: relato de um encontro e a emergência de uma tessitura. *Vias para a pesquisa: reflexões e mediAÇÕES*. São Paulo: Cruzeiro do Sul Educacional, Campus Virtual, 2017. p. 176-182.

FREIRE, Paulo. **Carta de Paulo Freire aos professores**. Estudos Avançados, v.15, n.42, 2001. p. 259-268.

JOSGRILBERG, Rui de Souza. Sentido e significação: uma essencial distinção hermenêutica. In: NOGUEIRA, P. A. S. **Religião e linguagem: abordagens teóricas interdisciplinares**. São Paulo: Paulus, 2015, p. 341-370.

KAHLMEYER-MERTENS, Roberto Saraiva. **10 lições sobre Gadamer**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2017.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1994.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da (Org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar: o que é, como se faz**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

MORAES, Maria Cândida. Educação à distância e a ressignificação dos paradigmas educacionais: fundamentos teóricos e epistemológicos. In: MORAES, Maria Cândida; PESCE, Lucila; BRUNO, Adriana (Orgs.). **Pesquisando fundamentos para novas práticas na educação online**. São Paulo: RG Editores, 2008.

MORAES, Maria Cândida. **Paradigma Educacional Ecossistêmico: Por uma nova ecologia da aprendizagem**. Wak, 2021.

MORIN, Edgar. **O método 6: ética**. Trad. Juremir Machado da Silva. 4. ed. Porto Alegre, Sulina, 2011.

MORIN, Edgar. **Ensinar a viver: manifesto para mudar a educação**. Trad. Edgard de Assis de Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Porto Alegre: Sulina, 2015.

MORIN, Edgar. **O método 1: a natureza da natureza**, Trad. Ilana Heineberg. Porto Alegre: Sulina, 3. ed. 2016.

MURIANA, M. B. O percurso da lagarta: tradição e complexidade no ensino de língua inglesa em escolas de idiomas. **Dissertação**. Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2018.

MURIANA, M. B. Professoras-autoras: práticas e saberes docentes complexos na elaboração de recursos educacionais abertos para ensino de língua inglesa. **Tese**. Programa de Estudos Pós-graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2023.

RAJACOPALAN, Kanavillil. Repensar o papel da linguística aplicada. In: Lopes, L.P.M. (Org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 149-168.

RICOEUR, Paul. (Org.) **Hermenêutica e ideologias**. Trad. Hilton Japiassu. Petrópolis: Vozes, 2013.